

Briga dentro de casa

Da Agência Estado

O governo Fernando Henrique Cardoso conseguiu superar as crises externas e afastar o fantasma da inflação por conta da alta do petróleo, porém passou o ano infernizando com a crise política instalada em sua base de apoio no Congresso. Desde o primeiro embate público entre os dois maiores caciques da base aliada — o presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), e o presidente e líder

do PMDB, senador Jader Barbalho (PA) —, são exatos 265 dias de guerra em 2000. E no meio de tantas denúncias de um contra o outro, quem acabou atingido foi o governo e a figura do presidente.

“Nessa guerra particular, o Executivo vai para a berlinda e o interesse do governo é sempre tratado como algo secundário”, diz o vice-presidente do Senado, Geraldo Melo (PSDB-RN). De fato, boa parte das denúncias pessoais de ACM contra Jader, na tentativa de mos-

trar ao Senado e à opinião pública que o presidente do PMDB não tem perfil ético ou moral para substituí-lo, envolveram órgãos da administração pública federal administrados pelo PMDB. E Jader deu o troco a ACM na mesma moeda: devolveu as denúncias de enriquecimento ilícito e de corrupção, envolvendo correligionários, amigos e até familiares do senador baiano.

O saldo das desavenças que devem seguir tirando o sossego do governo também em 2001

incluem apurações em curso e propostas de Comissões Parlamentares de Inquérito (CPIs) para investigar irregularidades nas Superintendências de Desenvolvimento da Amazônia (Sudam) e do Nordeste (Sudene), no Banco do Nordeste do Brasil (BNB) e no Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER). O drama do governo é que a disputa pelo comando do Congresso termina no dia 15 de fevereiro, mas a guerra entre Jader e ACM não tem data para acabar.